

T R A N S P O S I Ç Ã O

UMA POÉTICA DA NATUREZA





Dedicatória

A todos os Professores que tive, por terem me ajudado a chegar até aqui, Obrigada.



Agradecimentos

Agradeço ao Meu orientador Professor e Artista George Gütlich, a qual foi monitora, por toda sua paciência e dedicação ao ensinar, e por ter me apresentado ao mundo da Gravura pelo qual me apaixonei.

Agradeço também aos Professores da Gravura Tânia Araújo, Eliana Ambrósio, Isabela Prado, Maria do Carmo Veneroso e Afrânio, pelo aprendizado contínuo e compartilhado junto a monitoria, Obrigada.

Resumo:

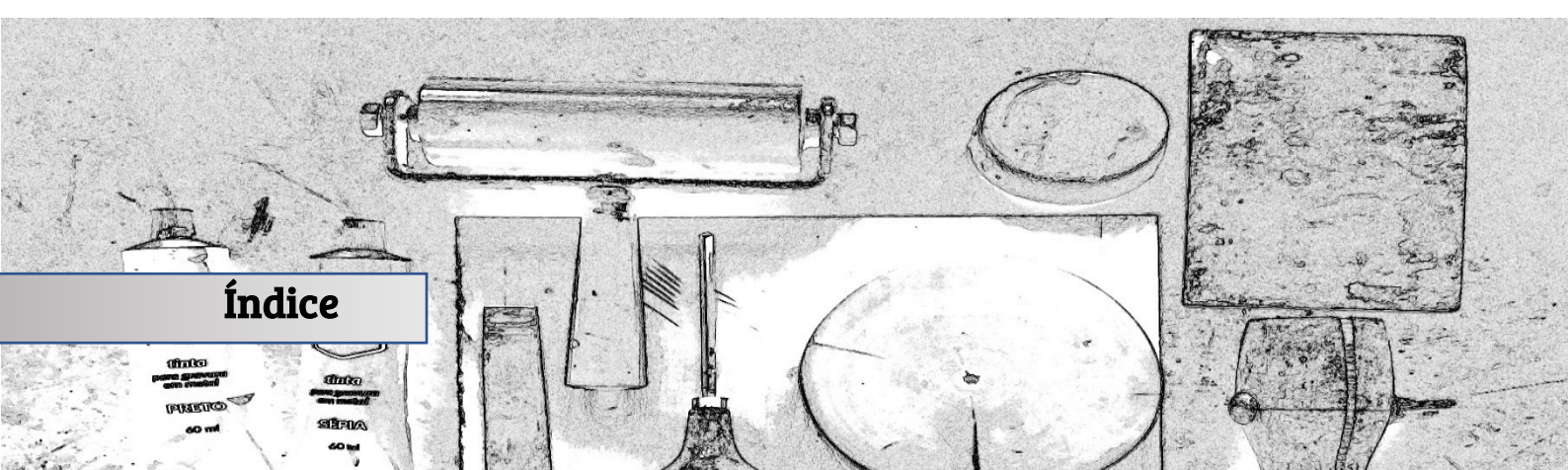
Por este estudo propõe-se uma ponte entre uma poética pessoal em gravura e as referências em história natural. Para isto realizou-se uma reflexão acerca dos trabalhos científicos, especificamente os realizados num período que abrange do século XVI ao auge do século XIX. A intenção primeira foi de compreender as mudanças na representação da natureza e sua interpretação ao longo dos séculos de forma breve, apenas um vislumbre para observar as mudanças de pensamento em que este tema foi abordado. Como meio elucidativo das ideias propostas, mostrar-se-á ligações possíveis entre os temas por meio do pensamento, passagens literárias, por meio de aproximações entre imagens e linguagem. O estudo da natureza aqui representado pela visualidade da forma e a sutileza das interações, guiadas pela imaginação com a intenção de refletir sobre os trabalhos de arte desenvolvidos a partir dos campos da ciência, e observação; transpondo o discurso uma ampliação das possibilidades interpretativas, vindas da imaginação. Abordando brevemente a linguagem como exemplo comparativo de uma imagem que carrega consigo um significado, apresentar-se-á algumas diferenças entre o ato de criar o desenho e a mudança que a transposição para a gravura representa, como ação tátil. Projeto pessoal ligado a imagem da natureza de forma poética busca na forma e representação os significados pessoais. Averiguou-se que, esta reflexão sobre a natureza quanto significação e forma, proposta nos trabalhos de gravura em metal, contribui para a formação de uma linguagem artística própria.

Palavras-chave: Natureza, gravura, linguagem escrita, arte, imagem. Tempo.

Abstract

In this study was proposed a bridge between a personal poetic in printmaking and references in natural history. For this search was considered a reflection on the scientific works, on which will be carried out the period covering the sixteenth and nineteenth century. The first intention was to understand how changes in the representation of nature and its interpretation over the centuries briefly, just a glimpse to observe how changes in thinking about the topic is addressed. As a means of elucidating the proposed ideas, it is possible to allow possible themes of thought, literary passages, means of approximation between images and language. The study of nature represented here by the visuality of the form and resource of interactions, guides the imagination with an intention to reflect upon the artworks initiated from the fields of science, and observation; transposing or discourse an amplification of the interpretative possibilities, coming from the imagination. Briefly approaching an example of comparative language of an image that carries a meaning, there are some differences between the act of creating the drawing and a change in the transposition to a represented print, as tactile action. Personal project linked to the image of nature in a poetic way seeks in the form and representation of the personal meanings. It was found that this reflection on nature as meaning and form, proposes works of metal engraving, contributes to the formation of my proper artistic language.

Keywords: Nature, engraving, written language, art, image, Time.



Índice

Dedicatória

Agradecimento

Resumo

Capítulo 1

Seguindo o caminho do tempo----- 8

Capítulo 2

Reflexão acerca da representação----- 15

Capítulo 3

Indagação da imagem produzida -----22

Capítulo 4

Transposição-----27

Capítulo 5

Poética da Natureza na Gravura-----32

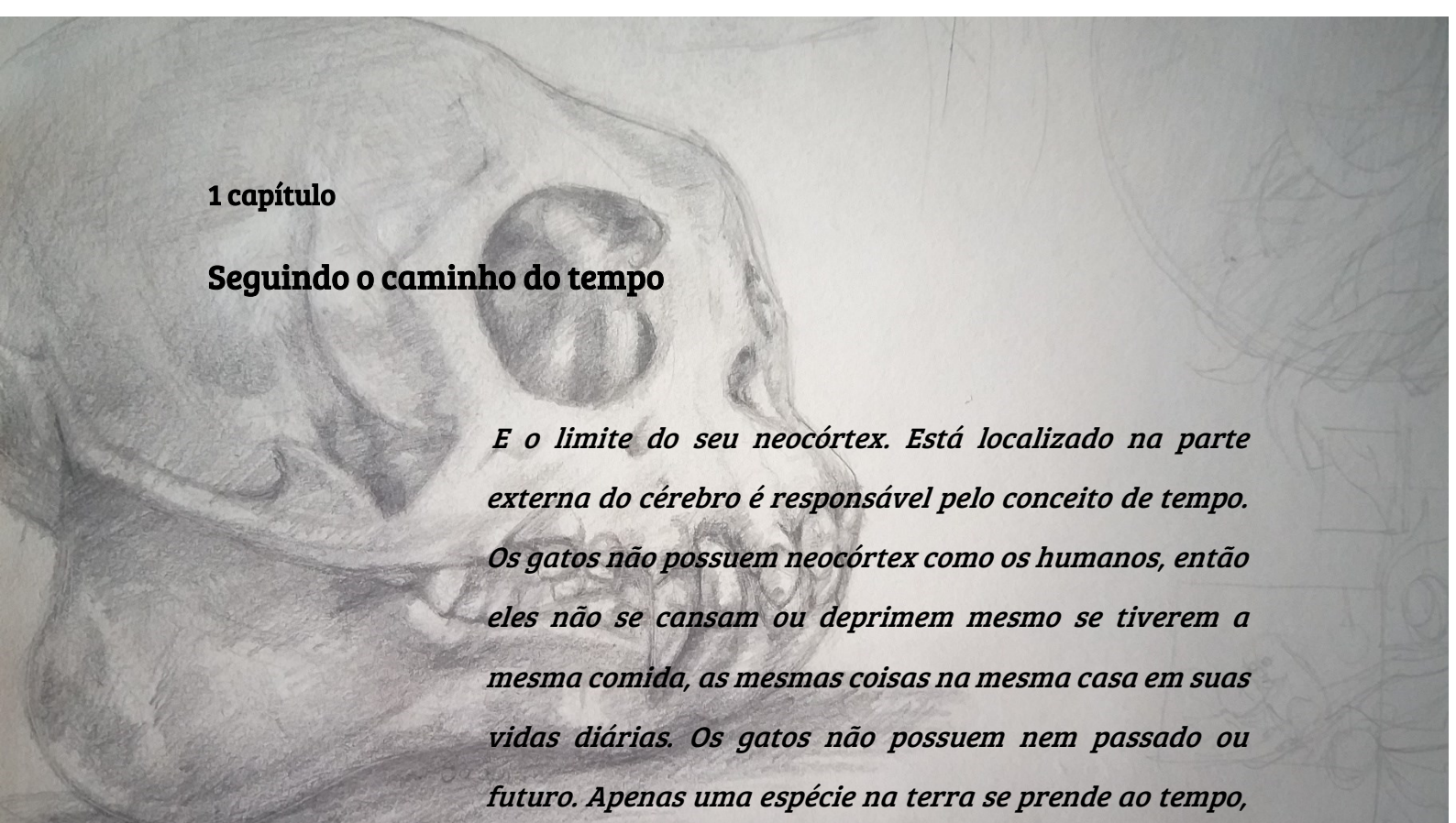
Referência Bibliográfica-----36

Caderno de imagens-----38

Portifólio-----59

Referência Bibliográfica imagens -----72

Apêndice -----73



1 capítulo

Seguindo o caminho do tempo

E o limite do seu neocórtex. Está localizado na parte externa do cérebro é responsável pelo conceito de tempo. Os gatos não possuem neocórtex como os humanos, então eles não se cansam ou deprimem mesmo se tiverem a mesma comida, as mesmas coisas na mesma casa em suas vidas diárias. Os gatos não possuem nem passado ou futuro. Apenas uma espécie na terra se prende ao tempo, são os seres humanos, isso é o que os humanos ganharam na troca pela evolução. (tradução minha)

Novela - Because this is my first life 2017

Artista, estude a Natureza! Mas não é nenhuma insignificância desenvolver o nobre a partir do ordinário e a Beleza a partir do informe.

Goethe

Tempo, como designar algo tão impalpável? ... mas que a nós se tornou algo a ser medido, quantificado, dividido, categorizado, progressivo, o transformamos em fisicalidade, lhe damos significado, medimos nossa vida, separamos os dias, para vê-lo passar diante de nós sem a perspectiva de retorno.

Mas este ser que criamos nos influencia a vida, sua morada se torna a memória, desde a invenção da escrita, nosso conhecimento e experiências, têm ganhado

no papel e na pena o dom de falar através do tempo, esta experiência é sentida no livro. Por ele desafiamos as leis, abrimos uma fenda no tempo e espaço, somos guiados a um outro tempo, onde o mundo era maior e seus mistérios pouco conhecidos. Aqui seguiremos o tempo em sua ordem e veremos de relance, as experiências que permitiram a redescoberta da natureza e o avanço da ciência.

Pelo olhar dos viajantes, veremos como o mundo vasto se torna matéria da curiosidade e meta de desvendar o desconhecido, se torna uma prioridade o estranho, inusitado, absorvem os olhares e a razão se torna a ferramenta para compreender, julgar e categorizar as novas descobertas, o Brasil se torna um local de destino.

Brasil, terra de mistérios, de maravilhas, perigos, estas eram as características deste lugar de diversidade. Ao se tornar parte do mundo conhecido, ainda assim, permanecia uma incógnita sua verdadeira natureza, repleta de plantas e seres de que se sabiam tão pouco. E foi este desconhecimento, que levou a muitos a uma jornada além-mar, Artistas, cartógrafos, cientistas, naturalistas, tiveram a missão de dar corpo ao imaginário, através de descrições em formas de cartas que relatavam sobre o ambiente e sobre os índios que aqui se encontravam.

Um dos primeiros relatos sobre o Brasil, foi a carta de Américo Vespúcio, contendo ilustrações em xilogravuras que ilustram o *Mundus Novus* como era conhecida, esta carta foi impressa em 1505 como folhetim, o que facilitou sua circulação, sendo posteriormente encontrada em vários países da Europa. Como veremos a gravura proporcionou um grande serviço quanto a divulgação das informações, seja pela criação de folhetins, livros e reprodução de desenhos e aquarelas, feitos no local, que de outra forma permaneceria entre o conhecimento de poucos.

O segundo relato feito sobre a flora e fauna brasileiros foram realizados por André Thevet e Jean Léry , André Thevet se junta a expedição do capitão

Villegagnon que buscava o pólo antártico mais que passou pela costa da África, o litoral do Rio de Janeiro e seguindo para o Canadá. Esta expedição foi editada como livro e publicada em 1557 intitulada *As singularidades da França Antártica*. Em 1575 ele publica A cosmologia Universal onde, no primeiro livro, salienta o seu interesse pelo singular, exótico, segundo ele preferia focar nos "segredos da natureza", acreditava que a busca de significado, ou causa e motivo da natureza era um conhecimento possuído por Deus, afirma também que o olhar do homem é externo e superficial, o que nos demonstra uma característica dos trabalhos feitos no século XVI, em que as imagens almejam a representação física de animais e plantas, mas os intrínsecos meios de seu funcionamento são um mistério que ainda estava para ser desvendado. Com base nos trabalhos de Léry e outros de sua época, Theodor de Bry publicou o livro intitulado "A viagem" uma coletânea de gravuras produzido com a ajuda de seu filho Jean Theodor e Jean Ismael e também por seu genro Mathieus Merien, neste trabalho as gravuras já ganham uma autonomia do texto, foi publicado entre 1590 e 1634.

O período mais prolífico quanto ao estudo da fauna e flora, foi o da colonização holandesa, de 1624 a 1654 e entre 1637 a 1644 Maurício de Nassau administrador e responsável pela colônia, junto estavam aqui o médico Willermo Piso e o naturalista Georg Marcggraf, que foram figuras de grande importância pelo trabalho que desenvolveram. Juntos coletaram animais e plantas e organizaram em forma de livro o *Historia Naturalis Brasiliae*, publicada em 1648, seria por muito tempo o mais completo quanto a um inventário de plantas e animais brasileiros, o que mudaria apenas com a vinda do trabalho de catalogação científica desenvolvido por Carl Linneus.

Carl Linneus foi um Botânico sueco, responsável pela criação de um sistema taxonômico, composto por dois nomes em latim, o gênero seguido pela espécie, que propunha ordenar, classificar animais e plantas, de forma a montar grupos,

ou famílias, observando sua morfologia, este trabalho serviu de base para uma verdadeira abordagem científica pelo uso sistemático de estudo da natureza.

Passando pelas mudanças quando a visão da natureza de curiosidade e beleza da forma, para compreensão de suas funcionalidades, com as novas ferramentas em mãos, proporcionadas por Linneus, uma nova expedição é requisitada por Portugal; nomeada Viagem filosófica de 1783 a 1792, possuía o propósito de catalogar as riquezas do Brasil, com a visão de um mercador que deseja saber o valor de sua mercadoria, a função dos que aqui vieram era catalogar e documentar o que aqui havia por meio da escrita e desenho e mesmo a gravura, a frente desta expedição estava Alexandre Rodrigues Ferreira, entre desenhistas, jardineiros e naturalistas. Devido a seu caráter de documentação, foram produzidos uma grande quantidade de material, como exemplificado: "O catálogo inclui 171 manuscritos, 59 tabelas (mapas, no manuscrito original) 8 mapas, (mapas geográficos) 9 desenhos, 9 estampas, 979 estampas em cores, 97 chapas de cobre gravadas." (ALEXANDRE.R.P, 2002, P.10) Observemos que grande parte dos materiais produzidos, consta um grande número de gravuras, apresentando também uma quantidade significativas de gravura em cobre.

Outro fator histórico que não podemos deixar de referenciar, foi a Reforma do currículo universitário em Portugal, em que o curso de filosofia, sofreu ramificações, passando a ensinar filosofia Natural, e História Natural. Em Portugal o professor contratado para a posição do curso foi o Italiano Domingos Vandelli, responsável pela formação de grandes estudiosos como Alexandre, entre muitos vindos do Brasil, Vandelli realizou um trabalho compilado em seu livro intitulado, Dicionário de termos técnicos de história Natural, onde a influência dos ensinamentos de Linneus se torna clara.

Mediante a todas as descobertas e trabalhos em torno da presença do exótico como o meio de fascínio e base para investigações, o século XVIII apresenta ao

público, aristocracia, as descobertas científicas, as nomenclaturas, como meio de ordenar o mundo e entendê-lo, conhecer a natureza pela organização científica passou a ser visto como algo civilizador, despertando o interesse de um público ávido pelos deslumbres deste novo mundo. O conhecimento da natureza visto como inofensivo, proporciona às mulheres acesso ao conhecimento, as coletas de animais e passeios nos bosques eram algo a ser encorajado, muitas delas se tornaram biólogas e artistas, não por formação acadêmica mais pelo esforço e curiosidade, bons professores, e às vezes seus familiares. Bons exemplos desta formação possibilitada pela família, são a artista e bióloga alemã Maria Sybilla Merian e a pintora holandesa Rachel Ruysch, em que o conhecimento da natureza assim como a formação artística foi baseada no conhecimento de seus pais, tios, e amigos da família a quem as jovens pudessem aprender sem se distanciar de suas famílias, como o que acontecia aos homens, em que eram contemplados com a possibilidade de viagem de estudo e de ser aprendiz de um mestre.

Como meio de suprir esta necessidade de conhecer as maravilhas exóticas, contadas pelos viajantes, surgem os chamados gabinetes de curiosidades entre os séculos XVI ao XVII, tendo o propósito de se coletar artefatos de diferentes locais e de diferentes natureza sob o pretexto de se apreender o mundo dentro de uma sala, ou gabinete, esta intenção de satisfazer a crescente necessidade da curiosidade sobre aquilo que não se conhece, entre objetos, animais, esqueletos, fragmentos do mundo e de lugares. O deleite se continha não no valor que estas peças trazidas do além-mar, possuíam, mas sim das histórias fantásticas que eram contadas em torno delas, se criava um imaginário do que seriam estas terras distantes e dos seres que nela habitavam. Um dos colecionadores ingleses foi John Tadesco, em que a coleção gigantesca, foi depois de sua morte doada com a condição de que um edifício fosse criado para acomodá-la, que a visitação fosse aberta ao público, assim se instaura o primeiro museu público.

Mais adiante no tempo, em 1808 com a abertura dos portos, o grande volume de estrangeiros chegados no Brasil, proporcionou a criação de inúmeros relatos, livros, feitos por Alemães e Franceses, como a expedição do príncipe Maximilian von Wied-Neuwied, que já naturalista, viu na abertura dos portos uma oportunidade, que se intensificou com o encontro com Humboldt em 1804, em 1815 Maximilian partiria para o Brasil acompanhado do Botânico Friedrich Sellow e do ornitólogo George Wilhelm Freyreiss, sua expedição seguiu o caminho da costa Brasileira passando pelo Rio de Janeiro, Norte de Minas Gerais, Espírito Santo e Sul da Bahia, neste percurso observou, relatou, capturou, retratou a vida natural em sua totalidade e diversidade, suas descobertas foram publicadas em forma de livro intitulado *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens* entre 1822 e 1831, os originais, o segundo livro *Beitrag zur Naturgeschichte von Brasiliens* publicado em 1825 a 1831 relatava os acontecimentos e observações da expedição, os escritos e desenhos, gravuras originais se encontram no Robert Bosch Fundação, em Stuttgart. Nesta mesma data foi publicado o livro *Viagens Pitorescas ao Brasil* de Debret, que chegou ao Brasil na data 1816, como parte da missão francesa, o acompanhavam Nicolas-Antoine Taunay, no comando de Joaquim Lebreton, que vieram a convite do rei para trazer a civilidade, sendo estes responsáveis pela Criação da Academia Imperial de Belas Artes.

Aqui podemos destacar as mudanças quanto o material artístico que era produzido, por Debret e Taunay, que produziam pinturas da paisagem de forma a engrandecê-la, para deleite da Monarquia, aqui a natureza não é mais fonte de estudo ou curiosidade, como são expressos nos desenhos do século anterior, em que a natureza é apreendida pelo detalhe, vista e retratada na proximidade, é retirada de seu tempo e espaço como prescreve o branco comum aos trabalhos científicos, se torna plano de fundo para se retratar a vida cotidiana utilizando

do classicismo da pintura, este é o ponto de separação, em que a natureza não será mais contemplada pela sua peculiaridade.

A paisagem expressa o distanciamento do homem civilizado, do bestial, da aventura, o homem civilizado verá a natureza pela janela, como fragmentos a distância, uma miragem do que ele um dia fez parte.

Os cientistas, em contrapartida, mantiveram seu olhar próximo e detalhista, em que a minúcia é representada nos desenhos, veremos que o desejo de conhecer mais sobre o funcionamento dos organismos apresentados pela sistematização de Linneus e a organização de Vandelli, os desenhos mostram mais que o interior, apresentam esquemas de decomposição da forma, e suas relações.

Entre os biólogos que aqui chegaram mas tardiamente, estavam o naturalista inglês Henry Bates e Alfred Russel wallace, chegaram em 1848, permaneceram até 1859, neste tempo faziam coletas de insetos, principalmente em borboletas, que era o centro de seus estudos mais especificamente as do Gênero *Heliconius*, em que ele se baseia para realizar sua teoria do mimetismo, sua aventura pela Amazônia, no livro chamado um naturalista no rio Amazonas, contado por meio de prosa, Henry apresenta nos momentos mais corriqueiros seu fascínio, pelos sons dos animais, a qualidade da luz, a diversidade.

Diante das mudanças apresentadas pelo tempo e estudo atento, vemos quanta mudança se alcançou apenas por se permitir a ver o árduo desejo de se compreender outros seres para além das palavras, a natureza fala uma língua que perdemos o contato ao longo dos anos, quando voltamos no tempo, como fizemos aqui, na ousadia de imaginar qual sensação de espanto e maravilha que é ver algo pela primeira vez? que prazer é este que o olhar nos propicia, quando nos permitimos ou dispomos a ver realmente. É a este fascínio um tanto ingênuo de querer descobrir algo novo, de vislumbrar no detalhe de um ser, as possibilidades da vida.



2 capítulo

Reflexões acerca da representação

Fui até a floresta porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos mais essenciais da vida, e ver se poderia aprender o que ela tinha para ensinar, e não quando a morte chegar descobrir que nunca vivi. (tradução minha)

Henry Thoreau

Com significados que evoluem do humano para o divino, de fatos tangíveis a sonhos, as palavras recebem certa espessura de significação.

Gaston Bachelard

A natureza pode ser compreendida de muitas formas, uma delas está ligado a nossa consciência de ser no mundo, como a natureza humana, existência em sua forma pura, a qual Schopenhauer chama de vontade, "...como a vontade: esta não se cansa, não envelhece, não aprende, não se aperfeiçoa com o exercício, é sempre a mesma na criança e no ancião: Sendo seu caráter em cada um imodificável... (Schopenhauer, 2018p.77). Outra, é a designação que damos a tudo que é externo a nós, plantas, animais, fenômenos, há uma terceira designação, expressa por Alan Watts em suas palestras sobre zen budismo, em que expressa Natureza é o que acontece por si mesma", e a vida em sua pureza de ação, criação

espontânea. Os desenhos feitos a partir da observação da natureza, a meu ver, tentam capturar esta vontade, esta espontaneidade, movimentos que são relacionados ao ser vivo, alguns se referem a esta energia como ânimo, a energia que propicia a vida.

A Natureza e refúgio, fonte, energia e criação, muitos buscam nela o entendimento de si e do outro. Aqui refletiremos sobre os diversos meios expressivos a respeito das imagens criadas a partir da natureza e sua retratação na arte. Partindo da representação científica, específica e com finalidade clara, a representação associativa e significativa, podendo ser cultural, religiosa ou pessoal, mediante as lembranças ou eventos associados a elas. Pensando como a proximidade com o ser visto, cria uma relação de intimidade, entre o homem que observa e o ser que está sendo observado, como esta relação possibilita a invocação de algo mais profundo, ao estabelecer na imagem um sentimento, uma ideia, ou intenção, sacralizando a imagem criada, mais que uma imagem passa a incorporar em si mesma os ideais e crenças, de si ou de um povo. Assim a imagem deixa de ser representação somente de um ser real, ela representa o íntimo desta relação de proximidade que se estabeleceu. Sobre esta vasta possibilidade de conhecimento proposto sobre um único tema, a natureza que refletiremos a seguir.

Ao refletir sobre as imagens produzidas a partir desta Natureza externa, pelas imagens científicas específicas, ao representar um ser vivo em sua totalidade. Pensamos o representar, como apresentar de novo, tornar presente a imagem vista. O animal ou plantas projetadas no papel, expressam em seus detalhes este olhar atento e deixam claros que sua execução é destinada ao conhecimento pelos meios científicos, criando assim na representação uma ferramenta que proporcione a visão precisa da forma e de suas partes, subsequentemente as

interações entre as partes. Apesar deste objetivo claro que o desenho científico aborda, informa e descreve, houve momentos na história, mais precisamente no século XVI, abordado anteriormente, como as descrições feitas por Léry, em que suas descrições em texto, descreve por meio da comparação plantas brasileiras com as já conhecidos pelos Europeus, como forma de facilitar o entendimento, visto que, estava apresentando algo antes não visto, surgiam associações de cunho religioso, feita por padres e cronistas como Pero de Magalhães Gândavo, em sua descrição da banana onde menciona, que a fruta ao ser cortada apresenta na disposição de suas sementes a forma de crucifixo, ou a flor de maracujá que representava as chagas de cristo, descrição feita por Sérgio Buarque de Holanda¹. São estas associações que permitem a criação de uma cultura de significados ligados a natureza que podem persistir pelo tempo, em forma de lendas, dizeres populares, como associar o aparecimento "Birubiru" com a chegada da chuva, o trevo de quatro folhas com a sorte, ou mesmo estórias e lendas criadas pelos índios, uma que pude conhecer é a estória associada ao pássaro Urutau, ou como é comumente conhecido Mãe da lua, que conta que sua posição ereta, com face para a lua, esta ave que fita o sol e a lua, mas que lamenta em seu grito em noites escuras, a perda, seja de um amor, seja dos pais, ou filhos, ou alguém que se arrepende, são muitas as lendas, mas todas apontam o lancinante grito dessa ave, se associam a ela a lenda de que sua pena protege as donzelas de más intenções, outros a chamam de ave fantasma, pois veem o seu surgimento como um mistério.

Estas ligações entre ser e significado, entre vida e pensamento, em conjunto na busca de explicação para os fenômenos da vida, vemos surgir pela experiência de um povo, ou de forma individual, a criação de imagens que trazem com si algo além de si mesmo, elas retratam uma visão de mundo, uma compreensão. A meu ver, isso só é possível pelo devaneio e pela imaginação, como força ativa

¹ Sérgio Buarque de Holanda- Visão do Paraíso

diante da matéria viva, enfatizando assim, que mais que a leveza do olhar, o fazer é a força motora da mudança, e consequentemente da criação.

O ato de *fazer* também é parte da compreensão, o olhar é apenas o início, a representação pelo desenho e pela gravura constitui o verdadeiro entendimento uma vez que partimos da matéria, para entender outra, se tratando da mesma natureza matéria. Essa ávida necessidade de criar artifícios é algo que os artistas sentem no seu dia a dia, o presente do fazer, do contato, das possibilidades dos movimentos, da beleza das mãos. Ir além do papel, ver na matéria a possibilidade de reflexão sobre a vida e a morte.

Exemplificando com Polly Morgan, uma taxidermista e artista, suas obras são a encarnação de uma frase de Bachelard que diz: "o ser humano é o único ser que tem a necessidade de conhecer o interior de outra". O impulso de se conhecer o funcionamento do mundo e das coisas de forma sistemática ou exata, este desbravamento do mundo. Para Polly, a carne é sua matéria, o corte do bisturi sua ferramenta de trabalho. Ao lidar com corpos desfalecidos de animais, ela os abre os esvazia, os da nova vida, assim como Frankenstein encontrou uma forma de trazer de volta a vida, um ser que a perdera, Polly consegue com maestria transmutar suas interações, por meio da taxidermia, mesmo Da Vinci com sua extensa curiosidade a respeito da funcionalidade dos seres, viu no ato de dissecar a oportunidade de entender o interior e seu funcionamento. Partindo do conhecimento científico ela elabora obras de arte, este permear de dois campos, é representação viva da mobilidade que a arte proporciona.

Quando tratamos a imagem como uma linguagem, ligamos à representação ao significado e as possibilidades deste, de expressar, dizer ou transmitir uma mensagem ou significados; mas não de forma assertiva quanto uma palavra, mas vagueia pelas possibilidades de ligação que o expectadores serão capazes de criar, ao afirmar esta capacidade que as imagens têm de comunicação,

abrimos espaço, para pensar em como ocorre estas codificações? como realizamos nossas próprias associações por meio de experiências.

Ao analisar o desenvolvimento da criação dos diversos sistemas de escritas pictográficas, se os reduzisse ao seu radical de criação, se estabelece a base da imagem simplificada que representa um nome de um objeto ou ser, os chamados logogramas, após ter uma imagem que representa uma ideia, são os ideogramas, como na escrita chinesa e japonesa, mas especificamente o kanji. Este ato de atribuir a uma imagem um sentido que vai além de sua própria forma, representado pela constituição e avanço da escrita, pode referir ao sistema "*encode*" ou codificação, atribuir a uma imagem uma mensagem.

Ao pensar pelo viés da linguagem escrita enquanto criação e compará-la às imagens artísticas, estas mesmas se tornam uma mensagem ou significado, que vai além de sua retratação. Como imagem real do que se codifica, pode-se afirmar que estas imagens constituem uma linguagem e, como tal, comunicam.

Embora apresente limitações quando criadas de forma específicas, como no caso de línguas com alfabeto fonético próprio, uma vez que o seu sentido se limita ao conhecimento dos códigos, quando este é específico culturalmente, seu entendimento e sentido passam a ser compreendido de forma restritiva àquela cultura.

Com as imagens pode ocorrer algo parecido, como é o caso das produzidas para templos na Coreia do sul, intitulados " *Minhwa*"² São imagens feitas pelas pessoas locais, como representação de vida cotidiana, destinadas ao convívio familiar da casa, criadas por volta do século XVIII, estas imagens demonstram a significação pessoal e assim como representação ou ligação com sua crença, neste caso o budismo, representado pela flor de lótus, esta sacralização ou

² Pintura tradicional folclórica Coreana, recebendo nomenclatura diferente para cada objeto retratado.

invocação de desejos é representada por exemplo, com a imagem do tigre como protetor contra o mal. Esta ideia de sacralidade é expressa por Bachelard:

"... para as grandezas do destino humano, o objeto, o modesto objeto, vem a desempenhar seu papel no mundo, num mundo que sonha no pequeno e no grande. O devaneio sacraliza o seu objeto. Do familiar amado ao sagrado pessoal não há mais que um passo. Logo o objeto é um amuleto, ajuda-nos e protege-nos no caminho da vida.(BACHELARD, 2018, p.35)

A literatura também demonstra esta atribuição de significado de forma mais pessoal, às vezes corriqueira destas atribuições que fazemos, como no capítulo de memórias póstumas de Brás Cubas, intitulado como borboleta preta, onde o personagem reflete sobre a sua cor, contrapondo o preto e o azul, afirma " creio que para ela era melhor ter nascido azul", aqui a cor ganha um significado, as borboletas azuis são lembradas como seres que beiram a metafísica, a magia, são sinônimos de sorte, quanto as mariposas as chamamos de bruxas. Outra passagem em *Paraíso Perdido* de Jonh Milton se refere a planta trazida do céu "Amaranto imortal! flor melindrosa, que no Éden, junto a Árvore da vida, transplantada do céu se abriu primeira!..." Além desta ligação divina, esta planta era usada pelos Maias em rituais, além de propriedades de cura. Na passagem seguinte expressa o ser em seu significado de trabalho árduo e afirma ser este um exemplo a "prole humana" e trabalho em equipe,"...(MILTON,2003.canto VII) a econômica formiga, de grande coração, pequeno corpo, cauta, previne urgência do futuro, junta-se em tribos onde alcança a todos, jus igual, igual proveito, talvez por isso nos vindouros tempos

venha a ser nos modelos dos humanos, nobre modelo de igualdade justa."
(MILTON,2003.canto VII).

Mantendo em mente este potencial humano de criar significação e desvendar os porquês, apresentados na vida, traçaremos em meio a arte um olhar novo, e exploratório, por meio do devaneio, buscando na imagem as reflexões do pensamento dos artistas, e suas ligações de proximidade e experiência com os seres retratados.



A black and white reproduction of a still life painting. In the upper right, a butterfly with patterned wings is perched on a dark surface. Below it, a large, open flower with many petals is the central focus. To the left and right of the flower are pomegranates, some whole and some cut open to reveal their seeds. The background is dark and textured. In the bottom left corner, the signature 'Adrian Coorte' is visible.

Capítulo 3

Indagação sobre a imagem produzida

E se, por outro lado, tivéssemos a mesma relação que temos com nosso próprio organismo também com todos os fenômenos naturais, a explicação de que todos os fenômenos e de todas as propriedades de todos os corpos remontaria em última instância a uma vontade ali manifesta. Pois a diferença não está na coisa, mas apenas em nossa relação com a coisa.

Arthur Schopenhauer em Sobre a vontade na Natureza.

O início de toda indagação são as perguntas que fazemos a nós mesmos, na mera esperança de encontrar muito mais que uma resposta satisfatória, uma direção, as perguntas não são o meio, mas a clara representação da vontade, expostos em cada pensamento, são os porquês que nos impulsionam a ir além do que vemos. A imaginação é nossa companheira de viagem.

Na jornada através dos tempos, de um século a outro, vemos nossa relação com a natureza mudar de investigativa, contemplativa, em que nos colocamos na

posição de observador, de forma passiva, que sente na contemplação o preenchimento total de sua necessidade humana de compreensão. Já a investigação minuciosa, proposta pela ciência nos intui a ação, o entendimento pelos processos táteis, dissecação, o desenho, a gravura, demanda para o entendimento que algo a mais seja criado. Levando este pensamento em consideração, podemos aproximar a arte e a natureza, são similares, quanto a criação de multiplicação de frutos.

Ao pensar o início de uma criação, partimos do princípio que dois seres diferentes geram um terceiro, que mantém certa semelhança com os co-criadores, mas ainda assim um novo ser, esta dualidade está presente nos gêneros das palavras, e nas forças contrárias que os conceitos parecem apresentar, a presença da polaridade de conceitos, ideias e campos de saber. É neste entre meio, entre dois saberes, neste conflito entre duas coisas tão diferentes que algo novo surge.

Poderíamos distinguir os diversos conceitos dualísticos que permeiam o pensamento, razão e imaginação, conceito e imagem, o real e a fantasia, e mesmo a arte e ciência. São estas polaridades, este caminho bifurcado que o campo da arte permite existir, como um campo paralelo, onde experimentações podem ser feitas.

A simples ideia em si de criar algo, já é ambiciosa, mas a natureza o faz todos os dias, as produz nas mais diversas formas e cores e comportamentos possíveis. Não é de se espantar que nós a vemos como esta capacidade última de criação, à proximidade com algo divino, foi neste espanto pela variedade e quantidade de formas que a natureza se apresentava aqui no Brasil, que capturou não só a mente curiosa e imaginária daqueles que puderam observar de perto as maravilhas, mas aqueles que através de histórias, acreditaram e sonharam com esta terra, possibilitando que abrissem os olhos para as maravilhas que os

rodeavam. Esta urgência que os artistas, possuem de capturar no papel o que é precioso demais para permanecer como visão, talvez perecer com o tempo junto das memórias. Retratar é preservar, manter em outro suporte o que o tempo de outra forma desvaneceriam.

Os inventários, as coleções, o gabinete de curiosidade, são uma forma de compreender o macrocosmo que a natureza e suas relações, pela admiração e entendimento de suas partes. É pelo detalhe que desbravamos o mundo, como William Blake expõe : " *to see a world in a grain of sand, and a heaven in a wild flower, hold infinity in the palm of your hands, and eternity in a hour.*"³ Assim como observamos uma pequena parte de um todo, é também pelos detalhes de vidas paralelas as nossas, nestes seres que nos rodeiam, que temos o vislumbre do todo. As imagens criadas possuem memórias, são catálogos pessoais.

Como cada colecionador é dotado de um chamado àquilo que lhe desperta desejo de manter para si, podemos reconhecer que o olhar do ser humano é seletivo, observar é um ato de escolha, é exclusivo, pois para se ver algo é preciso excluir outro. Apesar de nosso campo de visão ser tão amplo, o que realmente vemos é muito pouco, Didi- Huberman afirma isso de forma precisa, pois cremos na visão e no ato de olhar com algo amplo, ele nos mostra outro lado. Como nós somos atraídos por certas coisas e cores, o porque estas coisas nos parecem importantes, são subjetivas a mente a memória e mesmo nossa capacidade de criar relações entre fatos distantes, ou mesmo sem relação aparente, estas ligações são formas de criação de significados, pois constituem a própria natureza do ser, poderíamos aproximar este mecanismo de relação entre coisas distintas, com o método de Warburg, em que ele aproxima em sua biblioteca livros de assuntos distintos, se baseado em conexões próprias, este modo de pensar possibilita a interação ampla, ao abrir caminho para que assuntos

³ Ver o mundo em um grão de areia, o céu em uma flor selvagem, segurar o infinito em suas mãos, e a eternidade em uma hora.(tradução minha)

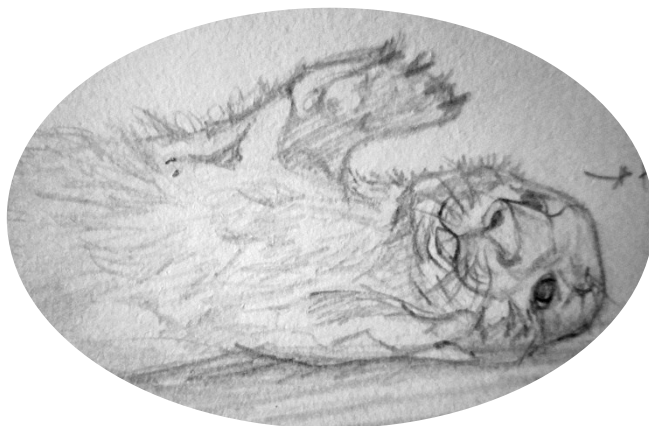
distintos e distantes se conectem, como teias de aranha, com vários pontos de ligações diferentes, capazes de se unirem e expandirem, a rede, é também comparável ao modo como o cérebro opera, pelas sinapses, criando caminhos que unem assuntos e eventos e os transformam em memórias, possibilita a comparação de eventos, aprendizado de algo novo pela relação com o que já se sabe.

Neste meio de experienciar o mundo pelo detalhe e olhar seletivo, que obras se constroem e se apresentam. São neste formato de inventário que, flores brancas atraem ao cair da noite, pelo seu intenso perfume mariposas brancas, durante a brilhante aurora, um pequeno rato aumenta seu palácio de folhas no chão de uma floresta densa. E mesmo na entrada da primavera, diante do forte vento do Leste, sementes voam, rodopiando como helicópteros, caem por terra, pela água da chuva e o calor do sol, irão em poucas semanas despertar de seu sono e se transformará em nova planta. São estes fugazes momentos que nos permeiam a vida, nos inundam a mente. Sejam uma singela flor vermelha no canto da estrada de terra, onde borboletas sobrevoam como mostra Shin Saimdang em uma de suas pinturas ou mesmo a dramaticidade de um bosque de flores, colocado em lindo vaso sobre a mesa, apresentando várias plantas da estação, papoulas, crisântemos, lírios, a vibração de cores e quem sabe, o exalar de seus perfumes, atraem diferentes seres, na composição de um microcosmos, as vezes uma batalha pela vida, guiada pelo ciclo de vida e morte, esta dramatizadora da vida dos insetos e flores, feita por Rachel Ruysch. A curiosa garota que coletava lagartas, para observar de perto sua mudança, traçava a vida delas em cores, reconhecia suas plantas favoritas das quais elas comiam as folhas, recriando no papel o ciclo de vida completo de cada uma, da melhor maneira possível, Maria Sybilla Merian, era curiosa, caracteriza que penso comum aqueles que se voltam para a natureza e vem um mundo novo de possibilidades, descobrem novas interações.

Pelo movimento progressivo ao qual a vida nos impulsiona, vemos a natureza como fonte e a arte como o ser que modifica, que faz ligações cria possibilidades e sentidos. Este estímulo de mudança é expresso neste trecho.

A natureza que não pode jamais mentir, e é ingênua como o gênio, diz justamente o mesmo ao fazer com que cada ente apenas acenda em outro, - idêntico a si- a faísca vital, para que este então se construa a si próprio diante de nossos olhos, tomando o material para tal de fora, e forma e movimento de si próprio- do que chamamos de crescimento e desenvolvimento. (SCHOPENHAUER ,2018, P111).

Esta progressão da matéria, do ser, que criado e dotado de movimento e assim fadado às mudanças que o tempo impõe, podemos admirar como uma técnica antiga quanto a técnica da gravura, se destaca diante dos outros meios artísticos, nela percebemos a passagem da ideia metafísica, para o físico da matéria, assim como um ser que dispõem de uma alma e um corpo a arte se aproxima dela quando também dispõem de frutos. Quando se multiplica.



Capítulo 4

Transposição

O material da obra de arte, por outro lado, é a matéria empírica, e, portanto, dotada de forma. Identidade de forma e matéria é a característica do produto natural, a diversidade de ambas é a do produto artístico...A arte trabalha um material alheio, a natureza um material próprio...

Arthur Schopenhauer

Uma arte originária, que dá origem a outros semelhantes a si, uma definição bem próxima ao apontamento de Schopenhauer sobre a natureza criadora, por ela podemos relacionar o pensamento da gravura como esta possibilidade de se multiplicar de criar cópias de si, como as células que se dividem, ou os cromossomos em divisão para formar outro ser mantendo características em comum com a fonte criadora e ao mesmo tempo o novo ser criado se mantém único. São por forças distintas que algo se constrói.

E pelo contraste entre leveza e peso que podemos refletir sobre a gravura em metal, pois esta possui na materialidade e no fazer a impulsão destas duas forças contrárias. A leveza expressa no traço do lápis sob o papel e o peso ou força necessários a ponta seca, ou mesmo a força exercida pela prensa ao transferir da matriz de cobre para o papel. Mas às vezes a imagem desafia as propriedades da matéria com a qual foi feita, como o trecho acima esclarece a arte modifica uma matéria impondo a uma forma que é diferente de si mesma é uma transmutação da vontade, como os alquímicos que desejavam

transmutar metais em ouro, evocamos esta potência da transmutação quando pelo ato de gravar, impomos a chapa plana de cobre a presença de um ser leve como uma flor ou ramo, a impomos a leveza e fragilidade que é contrária a sua natureza, rígida. Ou mesmo quando pelo calor do fogo em chamas azuis, tornamos rígido o que era mole e maleável como o verniz, e pelos traços feitos de forma superficial, a mergulhamos em ácido, que corroerá sua superfície à modificando, consumindo a matéria, abrindo caminho para a tinta penetrar os sucos, a imagem superficial agora está gravada na matéria, ela permanece. O pó de Breu deposto na superfície da placa e fixado pelo fogo, formando pontos brilhantes, que seguindo de um mergulho no ácido, desperta uma bruma que envolve a superfície. Esta demanda de mudança de estado da matéria inspirado pelos processos despertam a dualidade da leveza e do peso, da força e da fragilidade.

Os gestos das mão obedecem às mesmas leis, traços finos e grossos, superficiais e profundos, são ditados pela força e destreza aplicados na superfície da chapa de cobre, ou mesmo o ato do corte, exemplificado pelo buril, que retira material, parece demandar força ao ser feito, mais muito pelo contrário, o instrumento demanda ser manuseado com leveza, usando a mão como guia, a lâmina executa a ação. A imagem é construída por meio de camadas profundas na matéria, causada por agentes ou ações diferentes, a vontade expressa no desejo de exprimir e imprimir na matéria uma imagem e canalizada na mão, esta ferramenta poderosa, a qual Focillon se refere : "Que privilégio é o seu? Por que o órgão mudo e cego nos fala com tanta força persuasiva? ⁴", tentar compreender o mundo pelo toque, pela proximidade íntima que este contato exige, ou talvez seja expressão mais intensa a qual Bachelard nos conta "A matéria à qual se

⁴ Elogio a mão – Henry Focillon. pág 6

fala, como é de regra quando a malaxamos, incha sob a mão do trabalhador. Ela aceita, essa anima, as adulações do animus que a faz sair do seu torpor."⁵

As mãos possuem esta capacidade de acordar a matéria de mostrar seu potencial, este mesmo efeito de despertar pode ser identificado na linguagem quando nomeamos algo, e como reafirmar sua existência é um chamado uma invocação." Quando se devem despertar os poderes da matéria, o louvor é soberano. Lembramos que o louvor tem uma ação mágica. Isso é evidente na psicologia da matéria que confere às substâncias forças e desejos humanos."⁶ . A palavra assim como a ação exercida pelas mãos, são condutores de energia, do corpo para a matéria expondo a sua vontade. Mas esta matéria também possui sua vontade, ela resiste a força que é imposta a ela, o cobre exerce força contrária a mão, que sente o esforço, calos se formam, a dor aparece, esta batalha de vontades e energia, de reação e mudança constante permanece.

Compreendemos o tempo como linear, progressivo. O conceito de tempo está diretamente relacionado à língua, quando dispomos de palavras que definem conceitos, o que propõe a teoria de Sapir-Whorf, em que a percepção do tempo está relacionada a linguagem, curiosamente algumas culturas não apresentam em seu vocabulário palavras que definam de forma precisa momentos do tempo, como passado presente e futuro, antes e depois, como os Maias que não possuíam palavras para antes e depois, ou mesmo como a orientação espacial de tempo como passado está atrás e futuro a frente, em algumas culturas a leitura de tempo, se inverte, alguns compreendem a progressão do tempo da direita para esquerda, outros da esquerda para direita e outros de cima para baixo, a estudiosa Lera Boroditsky, apresenta uma pesquisa realizada com uma tribo na Austrália que se refere ao tempo, pelo pontos cardeais, norte, sul, leste e oeste, apresentando assim que o conceito do tempo varia, de língua à língua, de cultura

⁵ A poética do devaneio- Gaston Bachelard .p.68

⁶ idem

para cultura, podemos afirmar que o conceito de tempo percebido e vivido como experiência e diversificado.

Se pensarmos por este conceito de variação da percepção de tempo, e relacionarmos a produção artística, podemos dizer que, para o artista o tempo não é linear, quando este realiza uma obra que está em constante mudança ou criação, a obra, não está nem no passado nem no presente. O artista se desprende do tempo, como a Artista Lotus Lobo diz em palestra, sobre sua experiência criadora, "Eu não sei em que ano estou, vou e volto no tempo, assim como vou e volto nas obras."⁷ A obra em constante mudança, não está no passado nem no presente, permanece em formação de um futuro constante, ou até um instante que foge as definições do tempo.

Diante desta diversidade de assuntos dispostos nesta teia de palavras e imagens, da ação à passividade expostos pela arte e ciência, que chegamos ao ponto final, iniciado pelo tempo, e terminado com ele, no mesmo desencadear de eventos que nos leva, de um assunto a outro, de uma pessoa a outra de um livro a outro, na incessante busca de entender melhor a vida, ou quem sabe pistas que dê sentido a ela. Arte foi o meio que encontrei para refletir sobre tudo, é minha ferramenta, meu trabalho, minha companhia.

*Sua sensualidade espiritual, sua doutrina que -
era vida -segundo a qual conhecimento,
pensamento, filosofia não são apenas ocupação
de cabeça, mas do homem inteiro - coração e
sentidos, corpo e alma - em uma palavra, o que
dele faz um artista, tudo isso pode ajudar a
produzir-se uma humanidade que ultrapassa a*

⁷ resumo do conceito apresentado pela artista.

aridez da razão e deificação do instinto. Porque sempre, companheiro do homem na jornada que penosamente o conduz a si mesmo, a arte atinge primeiro o objetivo.

Thomas Mann





Capítulo 5

Por uma poética da Natureza

A Natureza não tem sistema, tem simplesmente; é vida e ritmo, nasce de um centro desconhecido e dirigir-se para um limite não reconhecível. Por isso a observação da natureza é infinita.

Goethe

A Natureza pode ser vista como um ser infinito, de infinitas formas, mesmo pela incansável forma com que foi representada nos séculos anteriores, como foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, ainda assim as possibilidades de criação são infinitas quanto a fonte, pois cabe a nós olhar, ou melhor selecionar para onde nossa atenção será guiada, são pelas escolhas que fazemos ligações, e inevitavelmente excluirmos outras.

Ao refletir sobre as escolhas feitas mediante a criação artística e construção de linguagem, volto no tempo para me recordar de um momento, creio eu de vital importância para meu ingresso na gravura. Foi uma iniciativa que durou pouco, o recorte de formas em papel, a abertura de lacunas a busca por uma profundidade que o papel e o desenho não satisfaziam; hoje vejo esta iniciativa como um chamado, o corte uma das características que me levariam até a técnica do buril, a qual tenho me dedicado a aprender, pela sutileza do corte e empunhadura da ferramenta.

O primeiro contato feito com a técnica, as imagens seguem ora em confronto com a matéria, ora um reconhecimento de suas potências, o trabalho árduo que a gravura propõe é recompensado pela visualização do trabalho final, que possui em si e no autor de sua criação as marcas do processo e do tempo.

O intuito ao criar uma imagem na placa de cobre, e o de superar o tempo, de provocar a permanência destes momentos corriqueiros, como fragmentos de vida que se reúnem em inventário pessoal de experiências, vista e imaginadas, assim como Bachelard nos aponta o sonho diurno, devaneio, como o momentos em que ensaios são criados, onde as possibilidades de um fato são atestados, este processo da percepção está diretamente ligado a nossa vontade, quanto aquilo que nos chama a olhar. Estes fragmentos se organizam na gravura em meio a pontos e linhas, que convergem e se separam na formação de tons, traços, que constituem a profundidade da imagem, a sutileza proporcionada pelo corte do buril, preciso, limpo, as nuances do breu são retrabalhadas de modo a revelar através da bruma uma textura, uma materialidade feita de fragmentos, pontos, como os átomos que se ordenam na formação da matéria.

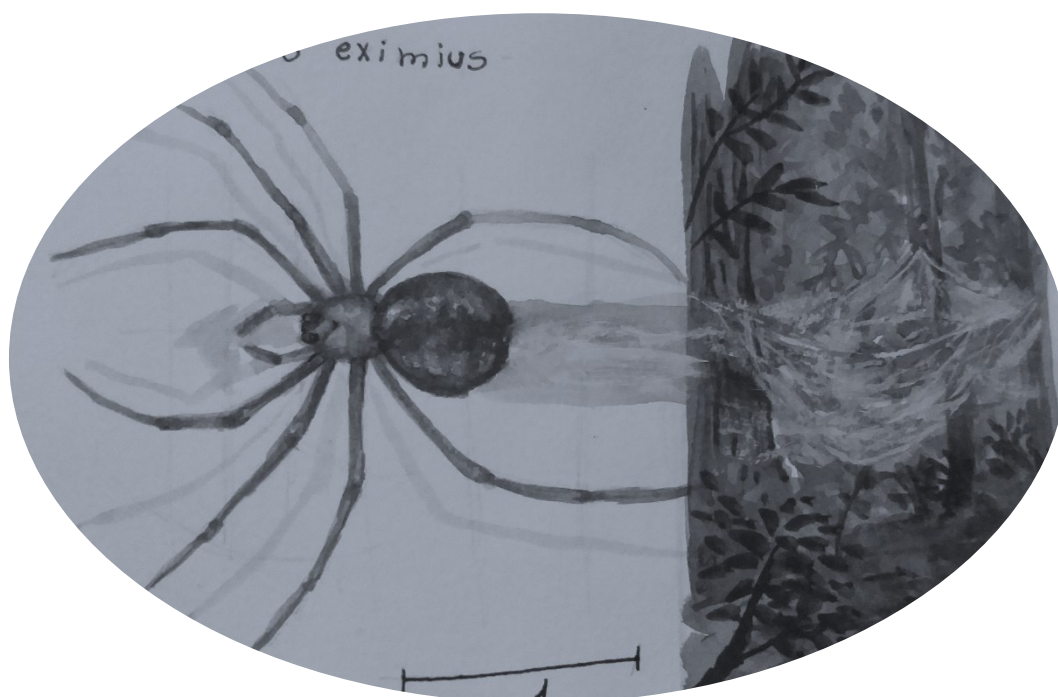
Obras como a mariposa, e sementes voadoras, feitos para retratar em tamanho real, o que foi visto, implica na ação focal da visão , pelo detalhe, já a obra do rato, somos apresentados a uma paisagem um pouco mais distante, em que o foco é a interação entre ser e ambiente, vemos seu lar crescer junto com a paisagem que se modifica, aqui a gravura imita a natureza no seu ciclo de expansão e mudança constante, folhas caem, plantas crescem, neste desejo de progressão da imagem, que as impressões são feitas, mais que múltiplos, são parte de uma história em movimento. Esta possibilidade de recordar as mudanças ocorridas na gravura quanto processo, exposto na impressão e na realização da tiragem, que opto pelas tiragens pequenas, onde a mudança da imagem retratada são recordadas e retrabalhadas, estão sempre em crescimento, este conceito se fez presente a medida em que as imagens surgiram

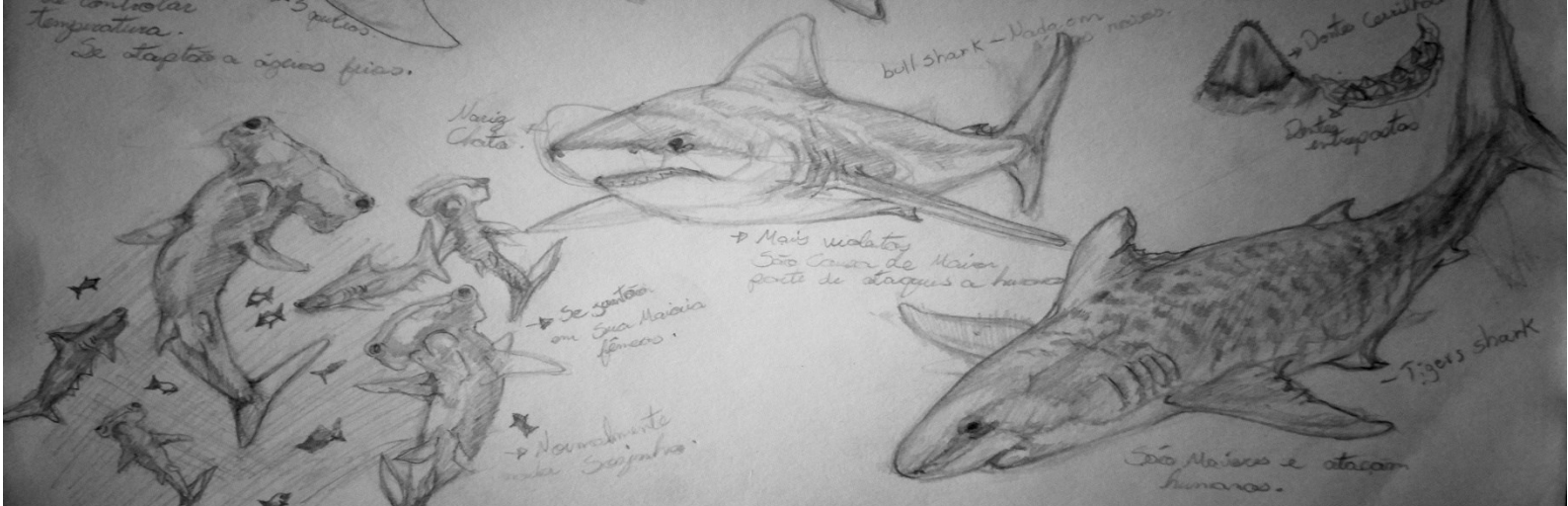
quanto criação gráfica, a qual me torno mais inclinada a reconhecer como fator que merece mais exploração de minha parte.

A cor e outro produto da escolha, mesmo que em gravura em metal a cor consista no preto, este pode ser usado em combinação de diferentes tons e temperaturas, apresento uma preferência pelo preto Frankfurt(preto azulado), a frieza do tom, usado em combinação com o sépia de temperatura quente, cria parte de luz dentro da imagem, propiciando uma balança entre a escuridão e luz, são como o dia e noite, uma passagem de ciclo.

Por este movimento cíclico que o mundo natural opera e que volto ao início das investigações científicas onde a compreensão do singular era feito pela comparação, e por meio dela se estabelecia a ligação entre forma e significado simbólico ligado a religião, como apresentado anteriormente pelos relatos de Léry, que se disseminou pelos cronistas na criação de uma história , uma zoologia do mundo natural, existindo entre a realidade e a fantasia, embora este momento de investigação, denominado pré- científico , tenha perdido sua importância por não estabelecer método científico na constituição de um conhecimento, o vejo como o momento de maior exploração livre do mundo, se aproximando do devaneio diurno, que nos apresenta infinitas possibilidades e reflexão sobre a forma, nos levando a imensidão de significados. Por meio deste pensamento que procuro criar por meio do desenho e da gravura, vivo neste momento entre o conhecimento científico, taxonomia, e representação da forma, quanto ao devaneio diurno, na exploração das possibilidades de interação entre seres, criando assim uma significação própria, que vão desde a possibilidade imaginada a uma alusão de passagem , transformação, ou transmutação das interações. A transposição abordada está ligada não só a técnica da gravura, pela passagem da matriz para o papel, mas também a transposição de um momento observado ou imaginado para um outro contexto criado.

Concluo com minha experiência neste breve estudo da história natural, observando sua passagem pelo simbolismo, representação, para catalogação e instituição de um método científico, taxonômico, que as interpretações do mundo natural são infinitas. Minha investida nesta investigação busca expandir os meios pelo qual o tema foi tratado em diversas eras, e assim ter uma visão de como meu trabalho se encaixa como representação artística. Vejo meu trabalho como uma dupla existência, entre a ciência e a imaginação, numa busca de significação e relação entre seres e imagens, possibilitando expandir a compreensão do mundo natural, e estabelecer relações próprias.





Referência Bibliográfica

BACHELARD, Gaston, A poética do Devaneio, Martins fontes 4º edição 2018.

BACHELARD, Gaston, O ar e os Sonhos, Tradução Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 2º tiragem, 2009.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. The voyager's Brazil-A place in the universe vol 2. Odebrecht Foundation, 1995

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. The voyager's Brazil-Imagery of the new world vol 1. Odebrecht Foundation, 1995

BRZEZINSKY, Maria Elice Prestes, A Investigação da Natureza no Brasil Colônia. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2000, 1º edição.

DE ASSIS, Machado- Memórias Póstumas de Brás Cubas, Obra completa vol.1, Rio de janeiro, Nova Aguilar, 1994.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem ao Brasil, Kapa editorial 2002.

FOCILLON, Henry. A vida das forma seguido de Elogio da mão, tradução Fernando Caetano da Silva, edição 70 Lisboa ,Portugal.

HOLLANDA, sérgio Buarque de, Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo, 1977(Brasiliana 333).

HUBERMANN- Didi- O que vemos e o que nos olha. editora 34 1º edição 1998 reimpresso em 2005, São Paulo, brasil.

KOREAN Folk Painting *Minhwa* – Video , acesso em 28 de novembro de 2019.<https://www.youtube.com/watch?v=ZYndKzq6lgE>.

MANN,Thomas – Schopenhauer, Estocolmo,1938 tradução português,domínio público, livro digital.

MILTON, John- Paraíso Perdido, tradução de António José Lima Leitão, Digitalização de livros de papel(Arquivo kindle) W.M. Jackson Inc.1956. 2013

MIRELLA, Guidotti- imbricações entre Goethe e Kant: Afinidades entre Goethe e Kant: Art, Natureza e o Sublime.

SCHOPENHAUER, Arthur, A Sobre a vontade na Natureza, L&PM Pocket primeira impressão 2013, esta reimpressão 2018.

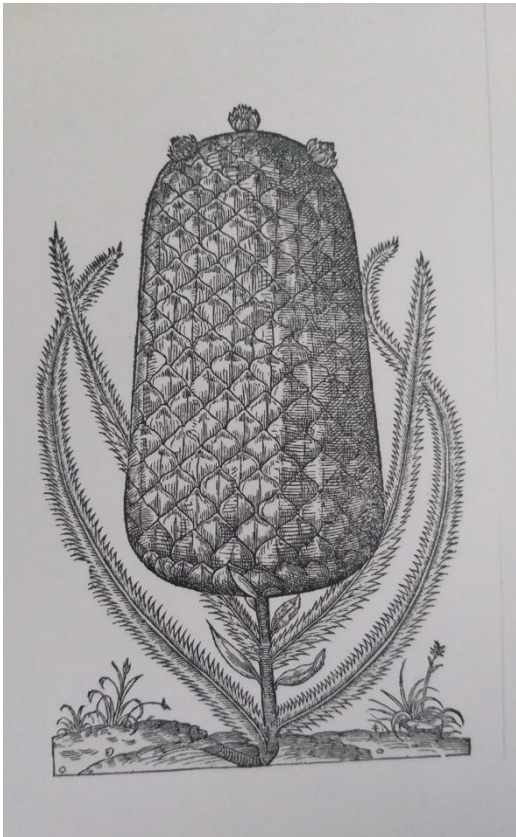


Caderno de imagem



Diogo Homem Quarta orbis Pars. Mundus Novus 1558

Guache e folha de ouro sobre pergaminho.



André de Thevet

Abacaxi, uma fruta saborosa

Xilogravura

17 x 15 cm



André de Thevet

Retrato de um Tucano

xilogravura

17 x 15,5 cm

As imagens acima fazem parte das ilustrações do livro cosmologia universal.



Theodor de Bry
gravura em metal, publicado no livro *Grandes Viagens* vol 1.



Albert Eckhout

**Óleo sobre tela
91 x 91 cm**



Albert Eckhout

**Óleo sobre tela
91 x 91 cm**

Ambos presentes no Nationalmuseet- Copenhagen Dinamarca

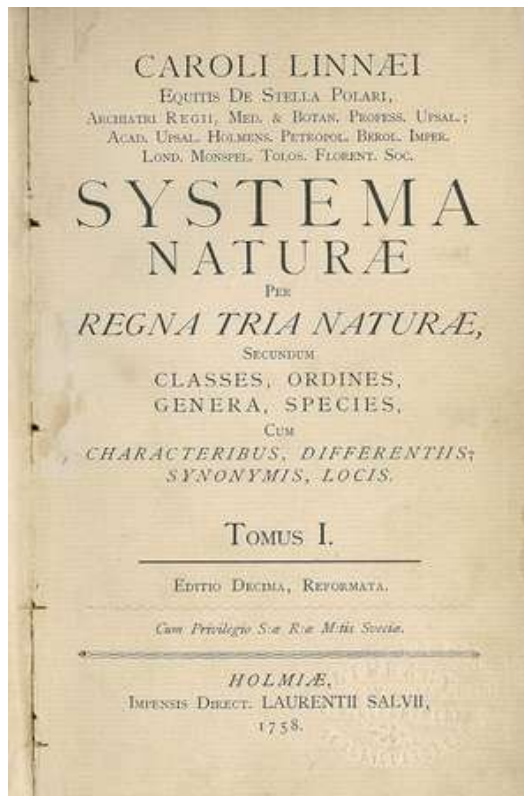


Frans Post , óleo sobre tela, 67,50 x 86,50 cm , acervo particular

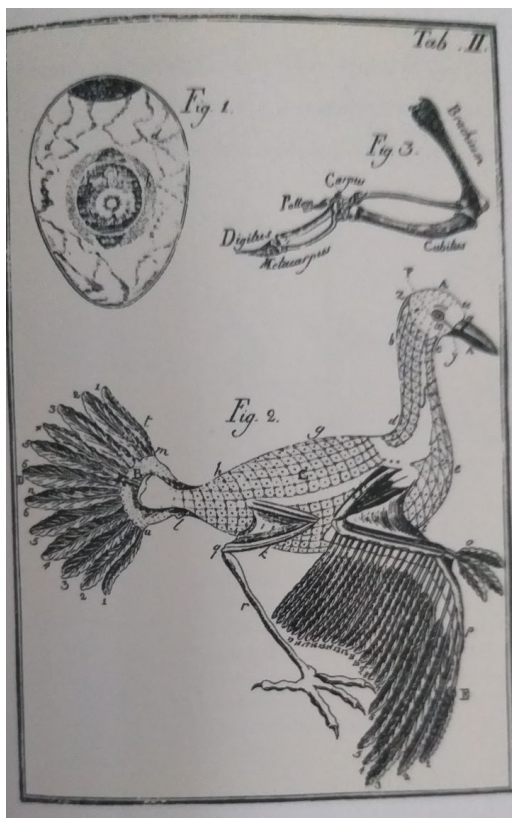


capa Frontispicio do livro -Historia Naturalis Brasiliae de Wilhermo Piso e Georg Marggraf 1648

38 x 25 cm



Capa Systema Naturae de Linneus



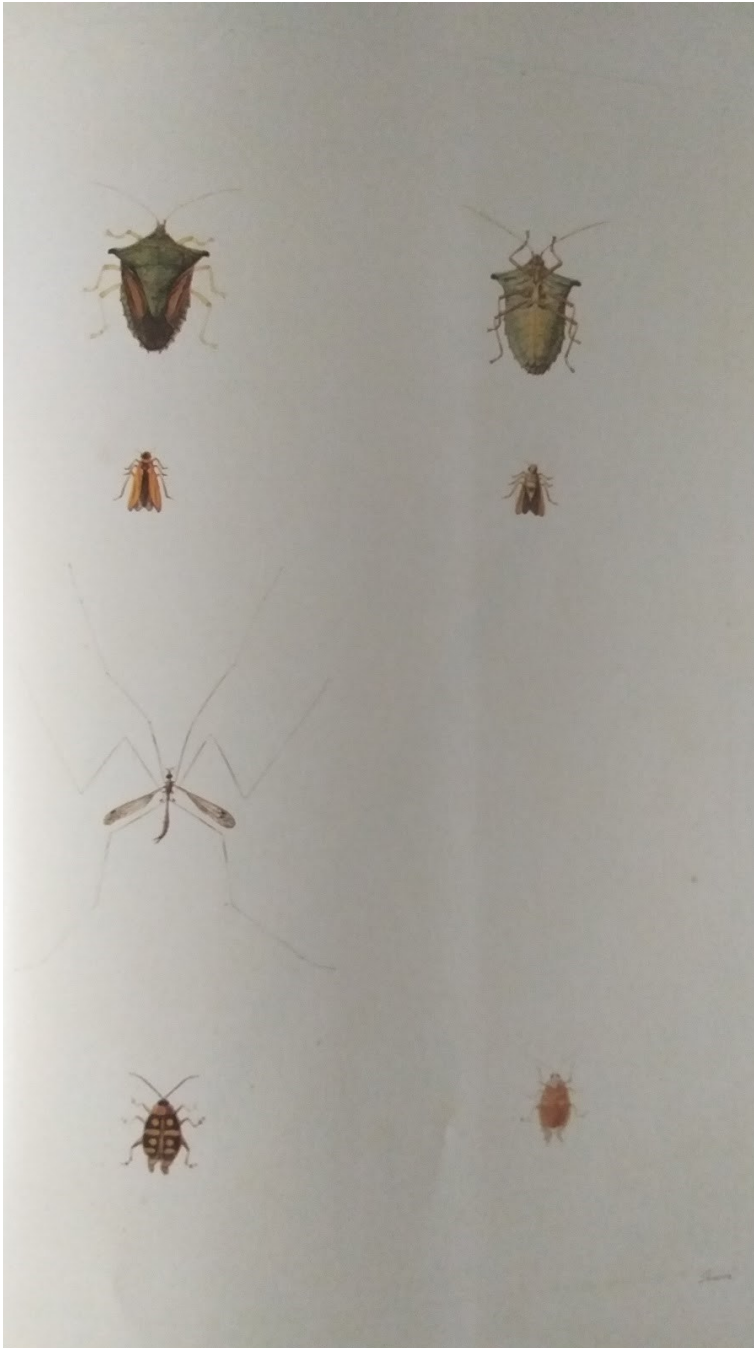
Domenico Vandelli

Gravura em Metal, dicionário de termos técnicos



Freire
Periquito da Serra do Rio Branco,

***Aratinga Solstitialis Solstitialis* (Linnaeus 1758)**



Freire

Percevejo, mosquito, besouro

(Hemiptera, Pentatomidae,) (Diptera, Tipulidae) (Coleoptera, Chrysomelidae).

Dedicado a diferentes insetos Amazônicos



J.C. Bock and Maximilian Wied- Neuwied
Ornamentos e instrumentos dos Camacans
Gravura em metal
24 x 30,5 cm



Jean- Baptiste debret
cajá- Aquarela sobre papel
24 x 17,80 cm
1818



Henry Bates

Caderno de Viagem, contendo ilustrações detalhadas dos espécimes e nomenclatura científica, e anotações.

Museu de História Natural UK



Polly Morgan
Exitus
Taxidermia e ferro
130 x 113 cm
2010



Polly Morgan
Rest a little on the lap of life
vidro, madeira, taxidermia e cristal
50 x 25 cm
2006



Maria sybilla merien-
aquarela sobre velino
31,6 x 26 cm



Rachel Ruysch

Rosas, Convolvulus, Papoulas, e outras Flores em um Vaso com Borda de Pedra

Óleo sobre tela

108,0 x 83,8 cm

1680



kim Mijung

Hwajeopdo- Pintura de flores e borboletas , expressa o amor conjugal, imagem e colocada no quarto como desejo de felicidade.



Kim Niroung

Jakhodo- imagens de tigre e Magpie, representa o espírito do otimismo, e colocada na entrada da casa. tem caráter humorístico na sua composição.



Shin Saimdang

Minhwa - Hwajeopdo



Shin Saimdang
papel
32,8 x 28 cm



Shin Saimdang
papel
32,8 x 28 cm

Portfolio



Raíra Francielle C. Rocha
Recorte de Papel
14 x 24 cm
2015



Raíra Francielle C. Rocha
Gravura em Metal - água forte, água tinta, láviz
29,5 x15 cm.
2017.

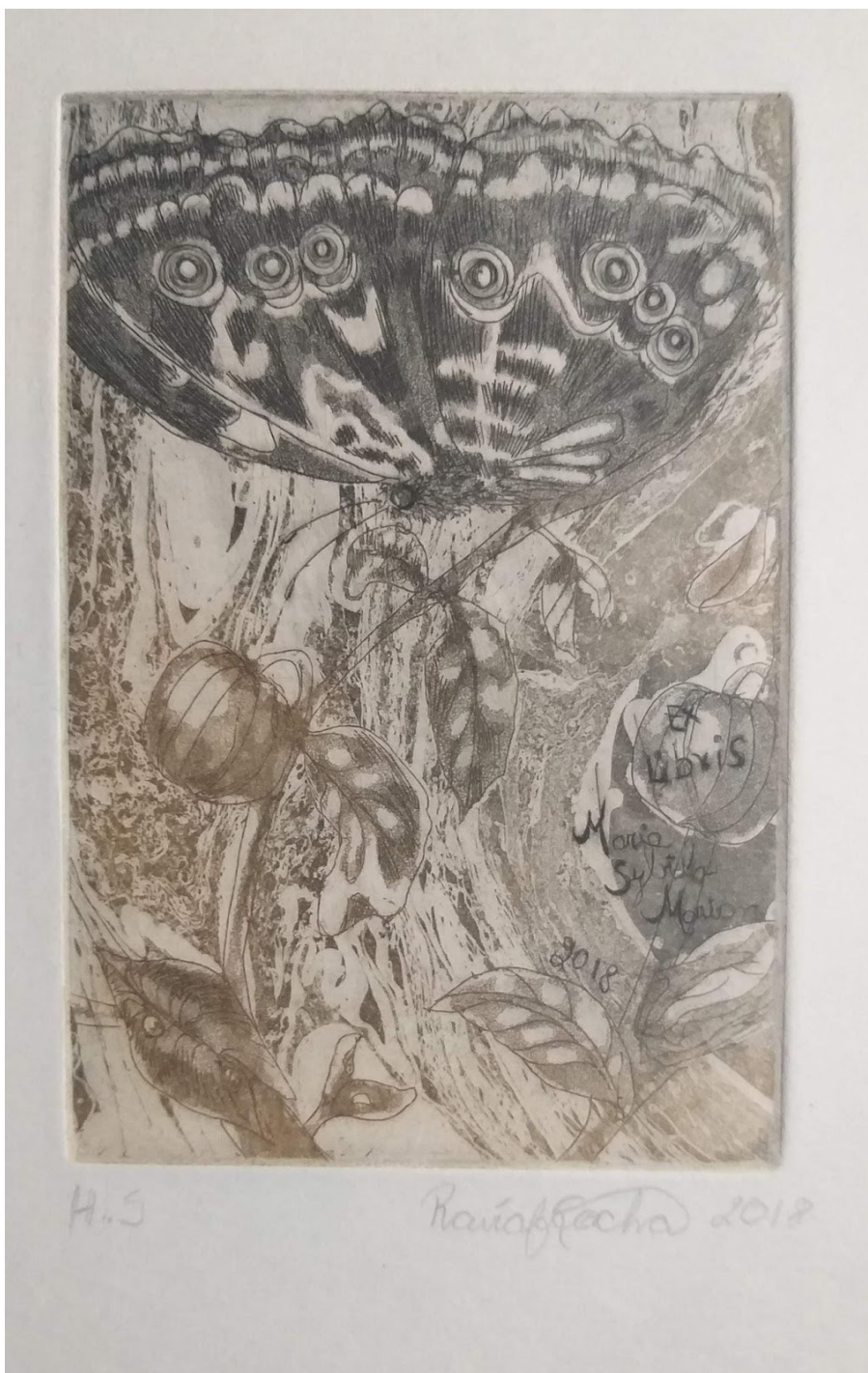


Raíra Francielle C. Rocha

Ex libris Rachel Rusch- gravura em metal - água forte, água tinta, raspagem.

12,5 x 13 cm

2018



Raíra Fracielle C. Rocha

Ex libris Maria Sibylla Merian- Gravura em Metal - água forte, água tinta, marmorizado, raspagem

13 x 9 cm

2018.



Raíra Francielle C. Rocha

Vislumbre

**Gravura em Metal -água forte, água tinta, raspagem,
29,5 x 15 cm
2017**



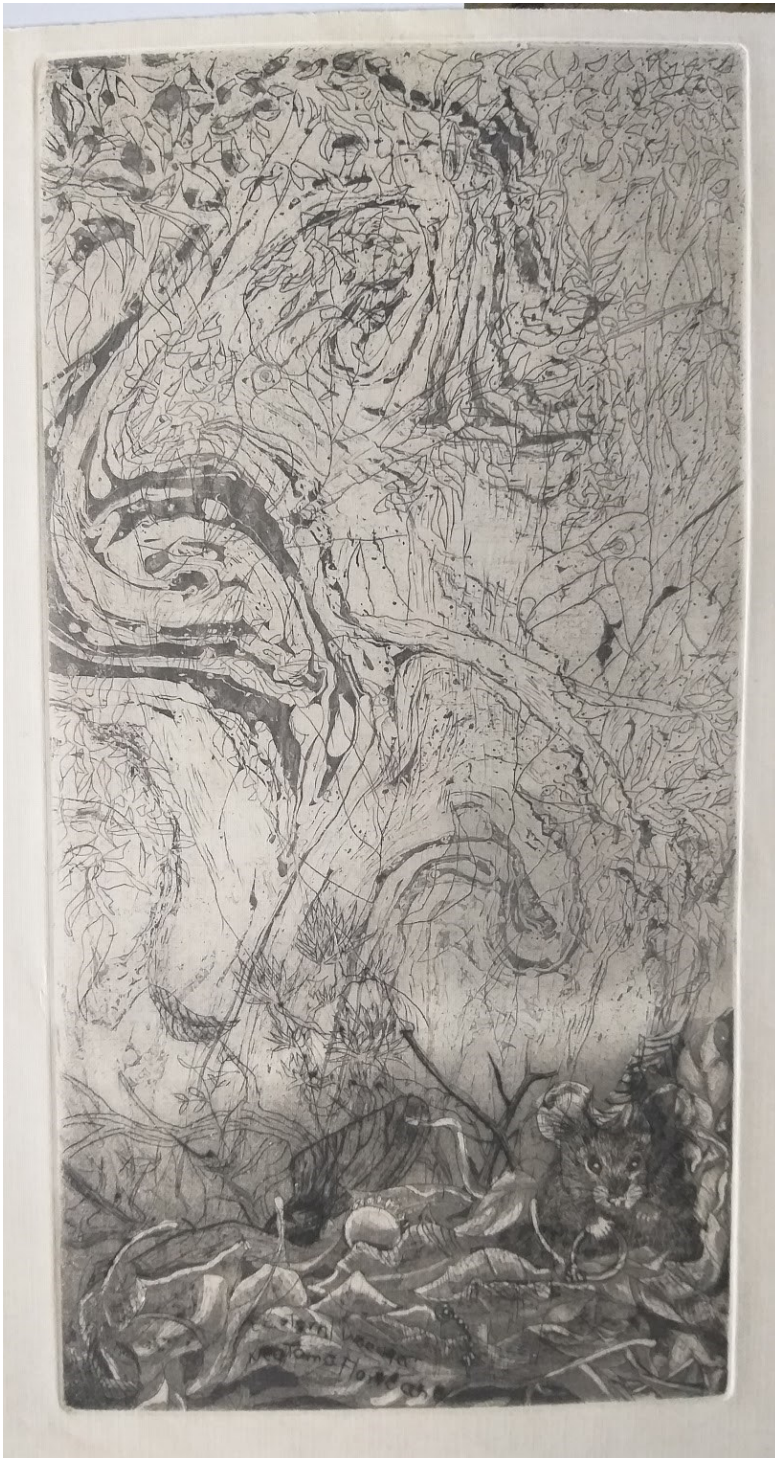
Raíra Francielle C. Rocha

Vislumbre 2

Gravura em Metal -água forte, água tinta, marmorizado, raspagem, buril

29,5 x 15 cm

2018



Raíra Francielle C. Rocha

Vislumbre 3

Gravura em Metal -água forte, água tinta, marmorizado, raspagem, buril

29,5 x 15 cm

2018

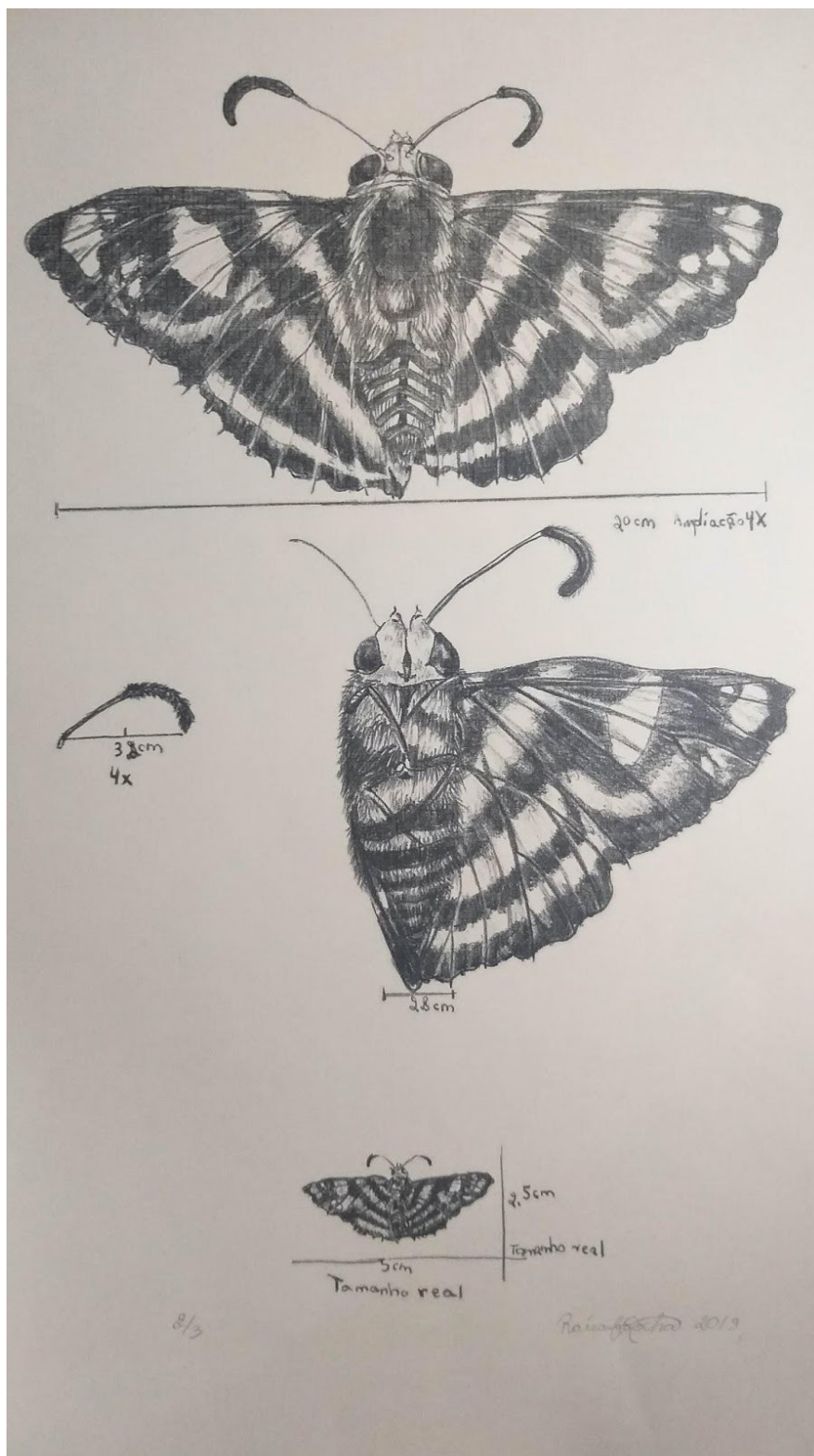


Raíra Francielle C. Rocha

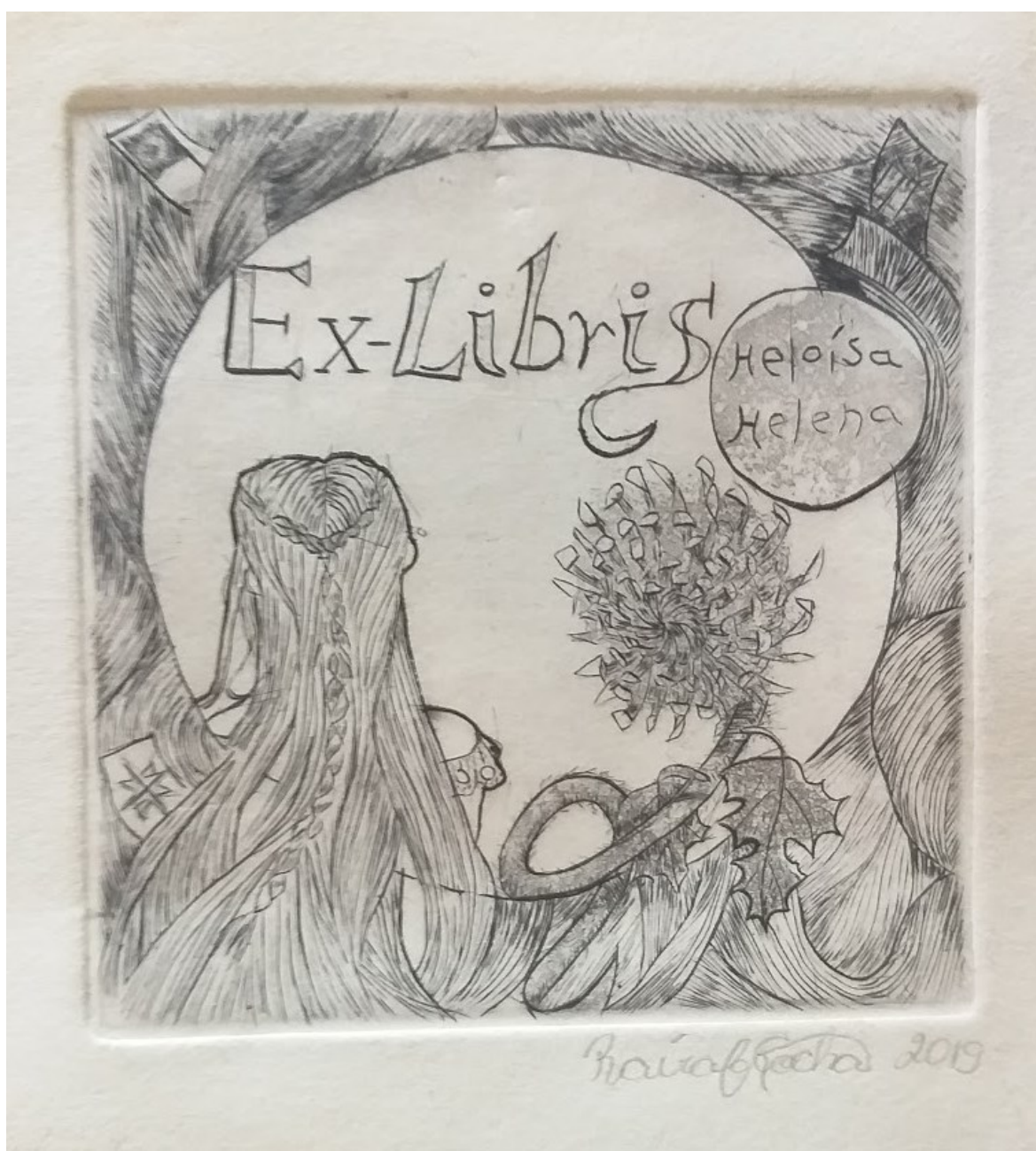
Gravura em Metal - água forte, buril, marmorizado

16,5 x 17,6

2018



Raíra Francielle C. Rocha
litografia
36 x 22 cm
2019



Raíra Francielle C. Rocha

Ex- Libris

Gravura em Metal -água forte, água tinta, raspagem, buril

9,5 x 9 cm

2019

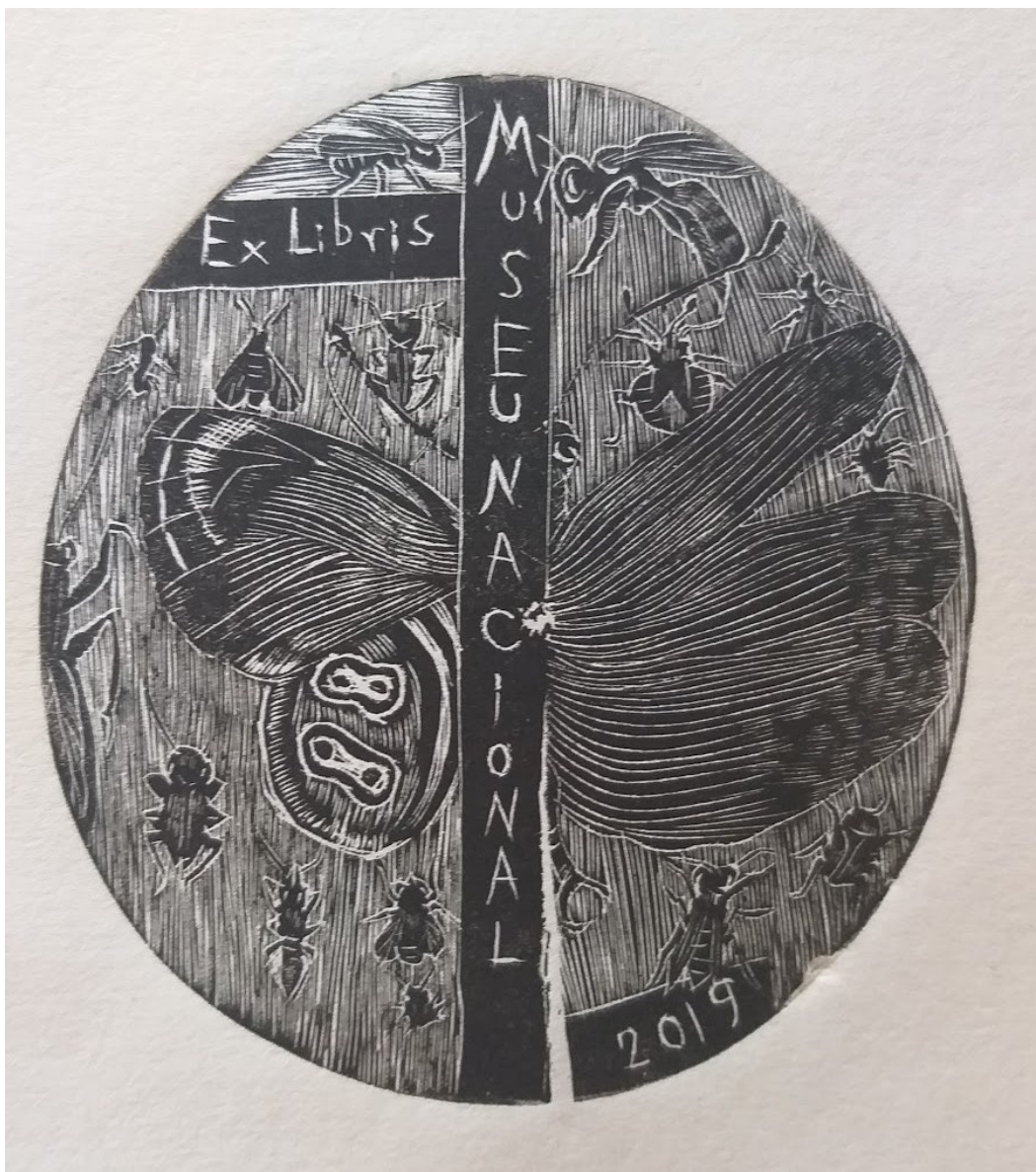


Raíra Francielle C. Rocha

Gravura em Metal -água forte, água tinta, raspagem

13x 8 cm

2019



Raíra Francielle C. Rocha

Xilo de topo

Museu Nacional Ex- Libris

Gravação a buril

10,7 x 9,7 cm

2019



Raíra Francielle C. Rocha

Xilo de topo

Miss Potter Ex- Libris

Gravação a buril

10,7 x 9,7 cm

2019



Fontes das imagens

Obs: Imagens de abertura de capítulo, são de minha autoria.

p 38 a 40- Imagens presentes no livro Viagem ao Brasil vol 1. p 36 -37

p 41- Enciclopédia Itaú cultural - Albert Eckhout reprodução fotográfica desconhecida, Frans Post reprodução fotográfica Cessar Barreto.

P42- 43 - Imagens presentes no livro Viagem ao Brasil vol 2.p34

p 44- Systema naturae - enciclopédia Britânica, Domenico Vandelli, Imagens presentes no livro Viagem ao Brasil vol 2.p17

p45, 46 - imagem presente livro Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues ferreira p.132.p.312

p 47- Imagens presentes no livro Viagem ao Brasil vol 2 p.100

p 48- imagem , Enciclopédia Itaú cultural. reprodução fotográfica Pedro Oswaldo Cruz.

p49- imagem se encontra, site museu de história natural Britânico.

Artistas citados

p 50, 51- Polly Morgan imagens extraídas do site da artista, pollymorgan.co.uk

p 52- Maria Sybilla Merian- *Branch of West Indian Cherry with Achilles Morpho Butterfly, 1702-03 Royal Collection Trust / © Her Majesty Queen Elizabeth II 2016.*

p 53- Rachel Ruysch imagem extraída *National Museum of Women in The Arts / Washington - Estados Unidos.*

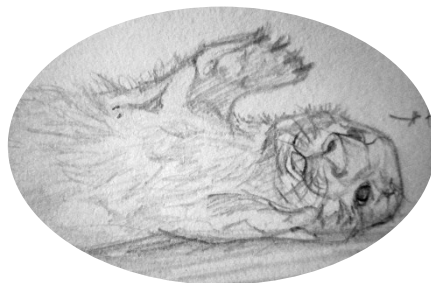
p 54- 55- Minhwa- pinturas tradicionais coreana, cada objeto centro da representação, a imagem possui nomenclatura diferenciada como exposto nas imagens. imagens extraídas do site londonkoreanlinks.net, sobre a exposição

no Centro Cultural UK, mostrando obras dos artistas da universidade, *korea Minhwa center of Daegu's, Keimyung University* , exposição até 18 de 2019.

P56- Shin Saimdang- imagem extraída do site *New World encyclopedia*.

p57-58 -Shin Saimdang- imagens presente coleção *National Museum of Korea*, obra correspondente a *Joseon dynasty*, (1392 a 1910). Shin Saimdang Viveu entre (1504 a 1551).

P59-71 - Obras é fotografia de minha autoria.



Apêndice

Exposições

- Participou de exposição e mostra de ilustração biológica no instituto de Ciências Biológicas em 2015 e 2017 respectivamente.
- Possui obra publicada no livro “Ilustração Zoológica por Rosa Alves Pereira”. Publicado em 2016.
- Participou da primeira edição exposição “Estado da Arte” em 2017.
- Participou exposição “Panorama da Gravura” 2018 UFMG, na reitoria da universidade.
- Participou da “1ª Bienal de Taubaté “2018.
- Realizou trabalho de pesquisa e inventário sobre as obras de gravura pertencentes ao acervo formal e informal da Escola de Belas Artes, 2018.
- Realizou projeto para implementação de uma Aba, no site da Universidade de Belas Artes, dedicada a Gravura. Apresentou banner da pesquisa no IX Seminário Nacional do Centro de Memória da Unicamp, e I colóquio de Gestão de Patrimônio Cultural , Agosto de 2019.
- Participou da exposição coletiva Ex- Libris “Marca de uma Identidade” na Mostra aldeia jequitibá em Palmas.

- Possui trabalho em livro Ex- Libris - Ateliê de gravura em Metal, UFMG 2019.
- Possui trabalho em livro O peso das palavras ateliê de litografia, UFMG 2019.
- Participa da Exposição coletiva Ateliê de Gravura em Metal, Encavo e Relevo, Muna, Uberlândia 2019.
- Possui Trabalho em livro ex libris, Ateliê de Gravura, xilo de topo, UFMG 2019.
- Participa de uma pesquisa de doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, sobre ex libris- realizados por Marcia D.Flora Cortez, a ser publicado em maio de 2020.

